



▶ Menu principal



Pesquisa Geral

OK

Brasília, Sexta-Feira, 22/3/19

A Pró-Yanomami

Os Yanomami

Notícias

Documentos

Programas

Depoimentos

Bibliografia

▶ Pesquise por Tema

Todos ▾

Selecione o Período:

De Jan ▾ 1970 ▾

Até Mar ▾ 2019 ▾

Listar Resultados

▶ Veja também:

**Cartografia  
Yanomami**

A Terra Indígena  
Yanomami vista do espaço



Acesse o folder CCPY

CCPY  
COMISSÃO  
PRÓ-YANOMAMI

## | Documentos |

Esta seção apresenta um conjunto de documentos de referência sobre diversos aspectos da ação da entidade na defesa dos direitos Yanomami (Terra Indígena Yanomami, direitos humanos, saúde, educação e preservação do meio-ambiente). Trata-se de documentos recentes ou " históricos ", de documentos produzidos pela Pró-Yanomami (CCPY) ou de documentos oficiais.

... ● Arquivo Pró-Yanomami



### BOLETIM URIHI Nº 7

SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 1988  
EDITADO PELA COMISSÃO PELA CRIAÇÃO DO PARQUE YANOMAMI (CCPY)  
RUA MANOEL DE NÓBREGA 111 3º CJ.32  
04001 SÃO PAULO SP  
COLABORADORES DESTE NÚMERO  
EDIÇÃO DEPOIMENTO ROMEO GRAZIANO  
ENTREVISTA/FOTOGRAFIA CLAUDIA ANDUJAR  
ILUSTRAÇÃO: CIÇA FITTIPALDI  
TRADUÇÃO/REVISÃO: LÚCIA PRADO

### NO DEPOIMENTO DE IVANILDO, A SITUAÇÃO DOS YANOMAMI

No mês de agosto, o funcionário da Funai Ivanildo Wawanawaytheri Yanomami foi retirado da chefia do Posto Flechal, no rio Mucajai, e rebaixado para funções de um trabalhador braçal. O cargo de chefe de posto era ocupado por Ivanildo desde 86, ano em que ele também participou ativamente, como intérprete, da 1ª Assembléia Yanomami, realizada em março no Posto Indígena Demini com a presença de 14 comunidades Yanomami.

Ivanildo tem hoje 34 anos e um passado de atividades que lhe permitem falar com profundo conhecimento sobre a situação que envolve o seu povo. Nascido no Estado do Amazonas, na aldeia Maia, nas imediações do Rio Maiá, Ivanildo atingiu á adolescência órfão, época em que foi solicitado a trabalhar na Funai. Servindo de intérprete, ele aprendeu o português, e assim ajudou as equipes da Funai em seus contatos com as aldeias estabelecidas na rota da Perimetral Norte, em fase de construção.

Ivanildo não só trabalhou em quase da Funai como também acompanhou saúde em áreas de índios isolados equipe da CCPY. Seu trabalho foi da máxima importância no levantamento Interministerial para a de Yanomami, ocorrido no início deste ano.

Entre os episódios que refletem com bastante clareza as dificuldades recentes enfrentadas por Ivanildo como funcionário da Funai, destacam-se os seguintes: quando ele viajou três dias pela floresta e na ocasião em que foi picado por cobra no posto que chefiava. É ele próprio quem conta:

"Eu trabalhava como chefe de posto pra ajudar os Yanomami, que são meus parentes. O trabalho era sem condições. Eu precisava de um barco, de um rádio transmissor para comunicar o que estava acontecendo na região. Mas eu não tinha e estava lá sozinho.

"Uma vez eu estava precisando de medicamento e fiz um pedido, passei por rádio em outro posto e consegui que eles deixassem o medicamento no posto. Um dia eu estava construindo uma casa. Eu cobri com palha e estava precisando de uma ferramenta pra trabalhar, pra melhorar as coisas, a construção do posto. Então eu pedi ajuda pros Yanomami, pra me levarem no caminho que eles conhecem.

"Peguei minhas coisas e fui pra Boa Vista. E eles me perguntaram: 'como é que você vai?' Eu respondi que ia por terra e falei que queria alguém pra me acompanhar até Alto Alegre, onde tem uma estrada. Mas foram apenas dois Yanomami, que me largaram no meio da viagem.

"Fui sozinho, pegando chuva, de noite também. Eu estava todo molhado, descalço porque meu sapato tinha acabado na viagem, tinha descolado, e estava sem alimentação. Gastei três dias. Quando eu cheguei no local onde vai ser uma hidrelétrica (hidrelétrica do Paredão), encontrei duas pessoas. Pedi socorro mas elas também não tinham alimentação. Tinham café e leite, e eu tomei o leite e segui viagem.

"Quando eu cheguei no meio da viagem, corri lá pro igarapé, bebi água. Eu consegui chegar numa fazenda, com o pé todo lascado, pra alguém me dar uma merenda, um prato de comida. E me perguntaram: 'tá com quantos dias?' Eu disse que estava com três dias, sem alimentação, sem coisa nenhuma. O pessoal me disse que pra chegar na cidade ainda estava longe. Eu então cheguei numa casa e achei um rapaz que podia me acompanhar até Alto Alegre.

"Tirei três dias e três noites, cheguei em Alto Alegre e pedi uma carona pra um ônibus, isso umas 8 horas da noite. Eu estava sem dinheiro, com muita fome. Ninguém iria me dar nada de graça, tudo tem que ter dinheiro. No dia seguinte, peguei um ônibus e voltei pra cá.

"Cheguei aqui em 'Boa Vista, na Funai, e me perguntaram como eu tinha vindo. Conteí tudinho, fiz um relatório sobre a viagem e disse que só iria para o posto quando eles me dessem um motor de popa, um rádio transmissor. E até hoje eu estou aí. Eles prometeram arrumar o motor, mas não sei se vão fazer isso.

"Não é qualquer pessoa que faz uma viagem como a que eu fiz, no meio do mato, onde não tem passagem. O igarapé todo cheio, eu tirava o yamaxi (cesta) das costas e botava na cabeça pra atravessar pro outro lado e seguir viagem. Valeu por não ter acontecido nada comigo."

### **"Eu rolava de dor dentro da canoa."**

"Numa outra ocasião, eu fui picado por cobra. Estava sozinho, sem ninguém pra me ajudar. Era um domingo, e foram os dois Yanomami que conseguiram me 'levar de canoa até um local cheio de carros de garimpeiros. Um deles estava indo pra Alto Alegre e eu pedi carona, pedi socorro, e eles me levaram. Eu estava 'fritando', rolando de dor dentro da canoa. Os garimpeiros me deixaram lá no Alto Alegre. Eu já estava nas últimas, mas o médico disse que não tinha soro pra veneno de cobra. Só tinha uma injeção pra eu aguentar até chegar aqui em Boa Vista. Uma ambulância me deixou aqui no pronto socorro, mas nem me lembro como eu cheguei. No dia seguinte, quando eu acordei, as pessoas me disseram que eu tinha chegado muito mal, que os médicos faziam perguntas pra mim e eu não falava nada. Nem a minha família estava sabendo o que tinha acontecido. Era um domingo."

Antes de Ivanildo receber a notícia do seu rebaixamento, ainda no mês de agosto, ele deu um extenso depoimento à CCPY em Boa Vista, que pode ser dividido em duas partes: a primeira é a sua visão pessoal sobre as inúmeras formas de violência sofrida pelos Yanomami. A outra demonstra a experiência por ele adquirida durante o trabalho de levantamento de terras do Grupo Interministerial, segundo a Portaria 006 de 07.01.88. É esse depoimento que passamos a transcrever.

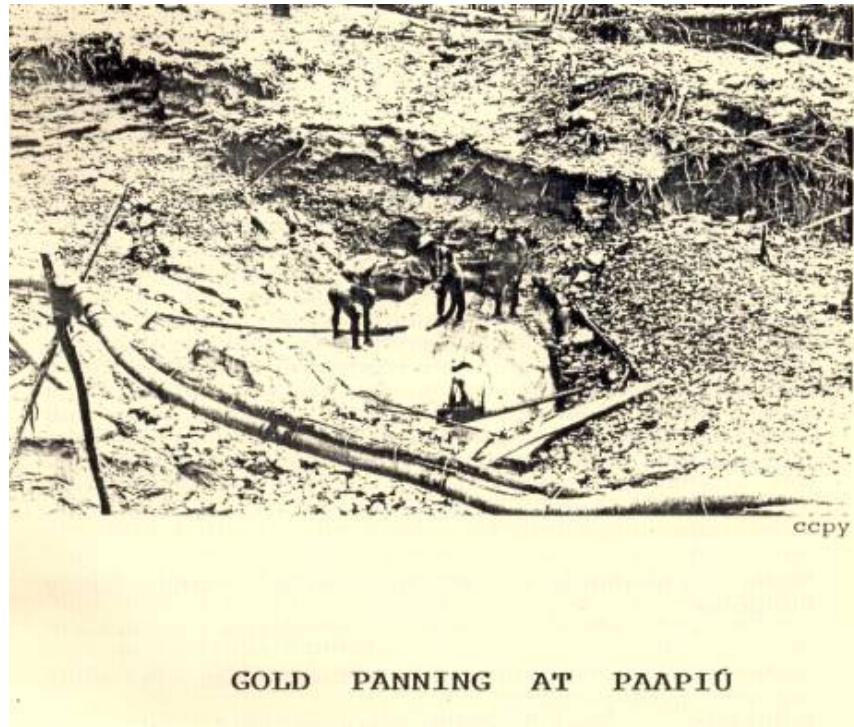
### **CCPY - o que você sabe da situação atual dos Yanomami?**

**Ivanildo** - Eu vejo muitas coisas da situação dos Yanomami. Acontece um monte

de coisas, eu vou falar muito pouco mas vai dar pra entender. No início não tinha os garimpeiros, era só Yanomami. Agora mudou muito e os Yanomami estão sofrendo de muitas doenças, de malária, de gripe. Eu estou muito preocupado porque os Yanomami estão morrendo muito. Morreu muito parente também à bala. Os garimpeiros estão matando, eu me preocupo muito. A água que a gente bebe foi envenenada, morreram muitos Yanomami. Os Tuchauas se perguntam o que eles poderiam fazer, mas nós estamos numa situação difícil, e entra muita cachaça também. A gente pensava que a Funai ajudaria os Yanomami, mas nos ouvimos uma conversa que ela ajuda sim é pra acabar com os Yanomami, ou ajuda os garimpeiros a acabar com os Yanomami.

A gente estava reclamando de assistência médica, pois estava morrendo muito Yanomami, crianças também. Nós pedimos mais ajuda para a Funai. A maioria dos Yanomami precisa de muita assistência para sua saúde.

Eu acho que a situação dos Yanomami está muito bagunçada, que entra muita cachaça... Os garimpeiros chegam nas malocas levando cachaça. Aí quando eles estão bêbados vão chamar os Yanomami. Se eles não querem vir, são ameaçados com arma de fogo. Quando os Yanomami ficam bêbados, os garimpeiros aproveitam das suas mulheres. Eles também dão cachaça pros Yanomami. Muitos garimpeiros levam doenças, e os Yanomami falam que aumentou muito o número de doenças. Há todo tipo de doença e está morrendo muito Yanomami.



### **CCPY - Mas a Funai não tem feito nada?**

**Ivanildo** - A Funai não tem condições pra ajudar os Yanomami. Quando tinha uma equipe que estava trabalhando na área era diferente. Tinha a equipe da CCPY, tinha missão também. Eles davam uma ajuda muito grande. Quando deu essa confusão, a situação piorou muito, morreram muitas crianças, mulheres. Está difícil pra gente trabalhar. Quando não tinha essas coisas a gente trabalhava tranquilo, sem bagunça, sem confusão. Mas agora ficou difícil, e sempre morre Yanomami, morto também por garimpeiros. A gente acha que a Funai deveria dar uma ajuda muito grande, e retirar os garimpeiros pra acabar com toda essa bagunça.

### **CCPY - Como está a relação entre os Yanomami e os garimpeiros?**

**Ivanildo** - Os Yanomami têm medo dos garimpeiros. Muitos deles são criminosos, levam muita arma de fogo, como revólver, espingarda. Eles têm todas as armas e também falam que têm metralhadora. A polícia militar fica do lado dos garimpeiros e os Yanomami acham que por qualquer coisa a polícia fica do lado dos garimpeiros.

**CCPY** - O que os Yanomami fazem quando chegam os garimpeiros?

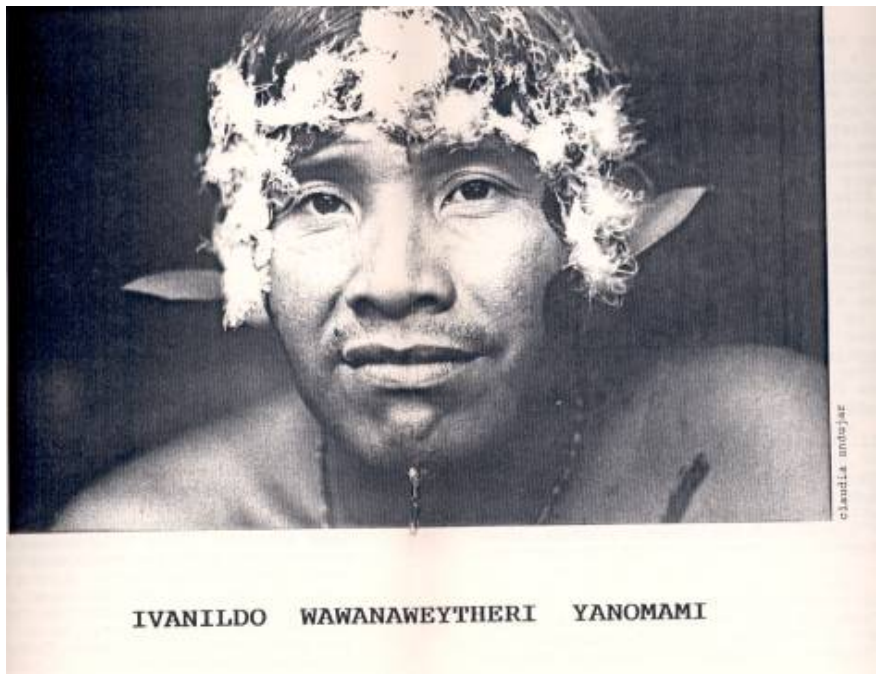
**Ivanildo** - Tem muito Yanomami que não conhece branco. Quando os garimpeiros chegam, todo mundo corre pro mato. Eles trazem muita bebida, cachaça, e dão pros Yanomami. É só pra prejudicar. E os Yanomami ficam muito bravos. Os Yanomami da região da maloca do Flechal me contaram isso.

**CCPY** - Alguma vez os garimpeiros afugentaram os Yanomami à bala?

**Ivanildo** - Eu conheço um lugar onde os garimpeiros chegaram querendo mandar mais que os Yanomami. Chegaram com arma, atiraram pra cima, atiraram nos Yanomami. Conheço muitos lugares, nas regiões do Mucajai e do Paapiú. O próprio garimpeiro mata o outro garimpeiro e bota a culpa nos Yanomami. Matam, jogam o morto no meio do caminho e vão dizer pros outros que foi o índio que matou o garimpeiro. Por isso que eles chegam na maloca atirando. Os garimpeiros falam que se acontecer qualquer coisa eles matam os Yanomami todinho. As vezes a polícia tira as armas deles mas depois devolve.

**CCPY** - Como os garimpeiros entram na área dos Yanomami?

**Ivanildo** - Entram por rio, por terra, por caminho e também de avião. Na região do Ajarani eles entram por terra de noite e de dia. Lá tem estrada e eles também entram de, avião. No Mucajai eles entram de noite e por terra, por onde a polícia não vê. Eles têm caminho até no Alto Alegre, até no garimpo, beirando o rio. E muitos deles se aproveitam da roça dos Yanomami, caçam.



IVANILDO WAWANAWEYTHERI YANOMAMI

**CCPY** - Quais são as regiões onde tem mais garimpeiros?

**Ivanildo** - No Rio Paapiú, na cabeceira do Rio Mucajai, no Rio Palimiú, nas regiões do Aracaçá e do Rio Urariquera. Estas duas regiões são onde tem mais garimpeiros. Ouvi dizer que os garimpeiros já estão se aproximando da Serra do Surucucu. Mas muitos deles já estão nessa região. Lá tem o Projeto Calha Norte, mas os militares não estão fazendo nada.

**CCPY** - E os Yanomami ainda continuam garimpando?

**Ivanildo** - Só alguns. A maioria deles não está garimpando porque não tem ferramenta para trabalhar.

**CCPY** - Há índios que estão abandonando sua maloca por causa dos garimpeiros?

**Ivanildo** - Muitos deles falam que estão querendo abandonar suas malocas, outros não. Outros falam que não devem abandonar seu lugar, que devem continuar onde nasceram, onde vivem, onde eles têm alguma coisa plantada e onde o avô e a avó nasceram e ficaram.

**CCPY** - Por que você acha que os garimpeiros estão no território dos Yanomami?

**Ivanildo** - A gente acha que a Funai apoia os garimpeiros. Eles mesmos estão apoiados pela Funai, que estão verba pra Funai.

**'A policia militar também está no garimpo.'**

**CCPY** - A polícia militar também dá apoio?

**Ivanildo** - A polícia militar também está no garimpo, eles também são garimpeiros. Eles dizem que é pra controlar os garimpeiros, mas não é nada disso. Eles estão lá é pra dar apoio aos garimpeiros e acabar com os Yanomami. Isso é verdade.

**CCPY** - Os Yanomami não poderiam expulsar os garimpeiros?

**Ivanildo** - Eu estive conversando com eles e acho que os Yanomami deveriam reunir todo mundo pra ver se eles mesmos resolvem alguma coisa, pra eles mesmos tentarem retirar os garimpeiros. Eles disseram que iriam tentar conversar com os outros Tuchauas pra ver se é possível fazer alguma coisa. Isso porque quando a gente se queixa pra Funai ela não liga. Eles só respondem que isso é com a presidência da Funai, "a Funai não pode resolver nada". É isso que eles respondem. Eu não sei como é que os Yanomami vão fazer pra acabar com essa situação. Eu acho difícil porque os Yanomami só têm suas flechas e os garimpeiros têm arma de fogo, mais forte do que a flecha.

**CCPY** - Mas os Yanomami sempre foram um povo valente. Como eles são hoje?

**Ivanildo** - Eu tenho pra mim que eles não são fracos. O Yanomami sempre foi guerreiro, entre eles. Mas eu já perdi meus parentes. Pra não acontecer novamente a confusão do ano passado, uma briga de Yanomami com garimpeiros, com a morte de Yanomami e garimpeiro, os Yanomami ficaram mais afastados. Os Yanomami têm medo e os garimpeiros também. Eles falaram isso pra mim.

**CCPY** - Quantos índios morreram na área do Rio Mucajá?

**Ivanildo** - Eu acho que morreram 15 ou 20 índios. Isso aí já faz uns três meses. Foi no meio do verão, a partir de janeiro. Eles morreram de uma malária forte, de gripe, pneumonia, febre e da água que eles tomam, muito envenenada. Quando eles estão bebendo água, é como se fosse barro, e está cheia de gordura, de óleo de motor. Até os peixes estão morrendo.

**CCPY** - O que os Yanomami vão fazer se não podem beber a água do Rio Mucajá?

**Ivanildo** - Eu estive conversando com os Tuchauas e eles me disseram que irão ficar longe do rio, que procurarão um rio que não esteja sujo, envenenado. Eles iam se retirar da maloca pra morar em outro lugar. Esse é o único jeito.

**CCPY** - Você sabe o que é mercúrio?

**Ivanildo** - O mercúrio é usado pra procurar ouro. Muitos garimpeiros usam e falam que é veneno. Eu cõo a água que eu bebo. Ela mata muito peixe, acaba com ele.

**CCPY** - Os Yanomami ainda caçam como de costume?

**Ivanildo** - No Paapiú já não acham mais nada. camarão, nem caranguejo. Lá acabou tudo.

**CCPY** - Como os Yanomami vêem o homem branco hoje?

**Ivanildo** - Hoje a gente considera os brancos como criminosos. No começo, quando os Yanomami tiveram contato com os brancos, eles achavam que não iria acontecer nada assim como o crime. Hoje eles estão vendo que não é assim.

**"Os Yanomami acham que vão acabar."**

**CCPY** - O que diz a história do seu povo sobre o tempo em que o branco ainda não tinha aparecido?

**Ivanildo** - Eu posso contar um pouco. Não dá pra contar tudo. No começo, quando não tinha branco, não tinha avião, era só Yanomami na terra. Eles dizem que o Yanomami tem um deus e o branco tem o deus dele. E chegou o tempo em que o deus do branco fez o Naba. O nosso deus, Omama, morava com os Yanomami, ensinava eles. Quando mudou o tempo, apareceu o Naba, começou a voar avião, a andar barco no rio. Foi nesse tempo que começou a aparecer o Naba, que entrou em contato com os Yanomami. Até essa época, ninguém sofria com doenças, os Yanomami viviam muito bem, tinham muita alimentação, as crianças não sofriam como hoje. Os Yanomami começaram a ficar tristes e Omama foi embora. Quando foi aumentando o contato dos brancos com os Yanomami, eles sentiram muito medo. Eles não conheciam, eles pensaram que eram outros, diferentes dos Yanomami.

**CCPY** - Como olham o futuro os índios que você conhece?

**Ivanildo** - Eles acham que daqui a um tempo às Yanomami vão acabar. E estão muito preocupados. No Surucucu, onde nunca tinha entrado um branco, qualquer doencinha, gripe fraca, mata os Yanomami. Eles são muito fracos e eu já vi muita

tristeza. Antes tinha uma missão evangélica na área do Mucajai e outra no Rio Catrimani, tinha também a CCPY, e os Yanomami achavam que eles davam uma ajuda muito grande pra sua saúde. Então a gente pede pra essas pessoas retornarem, pra continuarem fazendo seu trabalho.

### **Com o Grupo Interministerial**

**CCPY** - Você acompanhou o levantamento realizado pelo Grupo Interministerial no território dos Yanomami?

**Ivanildo** - Acompanhei até o fim. Cada maloca que a gente chegava, onde nunca se tinha visto um branco, todo mundo corria de medo. Com medo dos helicópteros, com medo dos "brancos". Quando a gente chegava, a maloca parecia abandonada. Eu chamava todo mundo e perguntava por que eles estavam fugindo. Eles diziam que tinham ouvido uma conversa de que estavam se aproximando os garimpeiros que não gostam de índios, que trazem doenças pra acabar com os Yanomami. "Você veio aqui pra trazer doenças", eles me perguntaram. E eu disse que nós estávamos ali pra visitar eles. Eu acho muito triste a situação dos Yanomami, onde não tem remédio, onde nunca foi um médico. Ninguém nunca foi nesses lugares. Eu acho muito triste. Eles sofrem muito. Qualquer tipo de doença, uma gripe ou qualquer doença fraquinha, quando o Yanomami pega, de repente ele morre. Por isso tem medo. Ele pode morrer por causa de uma disenteria fraquinha, e se eles pegarem uma doença mais forte, aí então acabam de uma vez. Eu não visitei todas as malocas, ninguém visitou todas. Só conversamos com eles onde a gente tinha condição de descer com o helicóptero.

**CCPY** - Havia muitos índios doentes ou mortos?

**Ivanildo** - Nós vimos muitos doentes, vimos todo tipo de doença. Eu acho triste por isso. Eu visitei uma maloca no Buudu, onde deram malária, gripe e pneumonia. Morreram todas as crianças, e aí só crianças mas também adulto, mulheres. Eles nos mostraram as casas onde deveria morar gente. Estava tudo acabado. Eu cheguei lá e estava todo mundo triste, chorando. O lugar está abandonado. Foi lá que morreu muita gente. Nós visitamos a nova maloca e vimos que agora eles se dividiram.: tem um bocado deles morando pra cá, na cabeceira do Rio Mucajai, e têm outros que estão morando no Rio Parima.

**CCPY** - E o que aconteceu na maloca dos Watautheri?

**Ivanildo** Morreram muitos Yanomami de malária. Essa doença deu no Botomata mas foi no Buudu que ela deu mais. O ano retrasado deu sarampo. Mas no ano passado deram malária, gripe, pneumonia, depois que chegaram os garimpeiros.

**CCPY** - Vocês foram até a Xideia?

**Ivanildo** Fomos. Eles disseram que precisam medicamento, de gente pra tratar deles.

**CCPY** - Há garimpeiros naquela área?

**Ivanildo:** No tempo que eu estive no local não tinha, mas eles falaram que os garimpeiros já estão se aproximando daquela região.

**CCPY-** E da região do Demini?

**Ivanildo** - Eu ouvi de um rapaz que eles estão se aproximando da região do Demini. Estão chegando no Rio Catrimani, abrindo estrada, estão indo de avião, que está passando na frente da maloca do Opikthey. Eles falaram que os garimpeiros voltaram e foram embora. Disseram que não acharam nada.

**CCPY** - Na região do Botomata tem ouro?

**Ivanildo** - Eu estive perguntando aos garimpeiros se eles viam alguma coisa por lá e eles me disseram que há lugar que tem, há lugar que não tem. Eles contaram também que acharam um lugar muito bom, mas que os Yanomami de lá não deixaram que eles trabalhassem.

**CCPY** - O que os Yanomami fizeram para impedir?

**Ivanildo** - Quando os garimpeiros chegaram querendo trabalhar, os Yanomami apareceram e falaram que lá não era lugar pra eles, que eles tinham de ir embora. Me contaram isso aqui mesmo em Boa Vista, foi o próprio garimpeiro.

**CCPY** - Você ouviu falar de garimpeiro matando Yanomami naquela área?

**Ivanildo** - Eu ouvi uma conversa dessa, os garimpeiros querendo acabar com os Yanomami para se aproveitar do ouro do Botomata.

**CCPY** - O garimpeiro costuma fazer roça dentro da área Yanomami?

**Ivanildo** - Eles não fazem roça. Só fazem é esculhambam a terra. Eles jogam a terra, só esculhambam a terra. A única coisa que eles fazem é isso. Não aproveitam a terra, só querem tirar o ouro. É muito triste, é um crime. A gente não acha bom, é uma esculhambação que eles fazem.

**“O índio tem o direito de viver onde nasceu.”**

**CCPY** - Qual é a saída para toda essa situação, no seu modo de pensar?

**Ivanildo** - Eu acho que os Yanomami devem apertar a Funai. Foi isso que eu falei pros Yanomami, pros Tuchauas. Há muita coisa errada. Tem muita terra sobrando pra eles trabalharem, pra não levarem toda essa confusão. Mas eles não querem trabalhar na roça. Querem trabalhar só com ouro, onde tem índio, fazendo bagunça, matando índio de veneno, de doença. Eu acho tudo isso muito errado.

O índio tem o direito de viver onde ele nasceu. Dizem que o índio não tem terra, não tem direito, que trabalha só pra comer, que não tem carro, não tem avião, nem ferramenta pra trabalhar e produzir. Isso eu acho muito errado. Eu vejo muito branco, que tem lote pra trabalhar, abandonar tudo pra ir pro garimpo. Não adianta. Ele vai pro garimpo, arruma o dinheiro mas não vai viver todo o tempo com esse dinheiro. Vai gastar do mesmo jeito. E quando recebe o dinheiro, ele gasta e volta pra bagunçar de novo.

Eles também falam que o Brasil não tem terra pra trabalhar, só tem índio que tem o direito da terra. O índio tem o direito da terra onde ele nasceu. Mas o branco tem terra pra trabalhar, pra viver. Esse povo acha uma coisa que não está certa. Dá muita confusão, muita briga.

Eu estive pensando que a Funai poderia fechar o garimpo e colocar uma companhia para tirar o minério. Mas eu acho que os problemas não iriam acabar, que seria tudo a mesma coisa. Eu acho que se entrar um grupo minerador deve ter uma diferença, mas não sei ao certo, não conheço.

**CCPY** - Quando a Funai disse que iria fazer o levantamento das terras dos Yanomami e a demarcação da sua área ela prometeu levar alguma coisa?

**Ivanildo** - Eles falaram em levar criação, ferramentas pra fazer colônia, sementes. Eles prometeram fazer criação de porco, galinha, peixe e outras coisas. Eu estive conversando nas malocas sobre isso, mas os Yanomami não quiseram aceitar essas promessas. Eles querem é demarcar uma área pra eles. Eles também prometeram escolas, prometeram isso tudo.

## **COMISSÃO DOS DIREITOS DO HOMEM CITA BRASIL**

A Comissão dos Direitos do Homem, da LIGA INTERNACIONAL PARA OS DIREITOS DOS POVOS da ONU, sediada em Genebra, fez duas menções ao Brasil na sua 40ª sessão, de 8 de agosto - 2 de setembro de 1988, no ponto 12 da ordem do dia - discriminação ao encontro dos povos autóctones -, nos seguintes termos:

### **1º Ao Brasil**

Desde 1968, numerosas entidades têm alertado as autoridades brasileiras sobre a necessidade de se criar um Parque Yanomami. Em 1985, a OEA (Organização dos Estados Americanos) formulou recomendações idênticas; no mesmo ano a Funai (Fundação Nacional Brasileira do Índio) delimitou administrativamente 9 milhões de hectares (resolução governamental nº 1817). Mas uma decisão ministerial de 18 de agosto último tem em vista a retalhação desse território e a concessão de grandes parcelas a cerca de 10.000 garimpeiros de ouro ilegais que invadiram o território Yanomami. Esta invasão se traduz por uma grande violência: em agosto de 1987, 4 Yanomami foram assassinados pelos garimpeiros de ouro. Este ano, uma criança de 2 anos foi abatida nos braços de seu pai e 3 Yanomami gravemente feridos; um outro, torturado, foi submetido a graves maus tratos e foi dado como morto. Uma tentativa de homicídio foi perpetrada contra o líder Júlio Gois Yanomami; Davi Yanomami, outro líder, recebeu ameaças de morte. A fim de fazer desaparecer qualquer traço, os corpos dos Yanomami assassinados estariam enterrados nos locais de mineração ou teriam sido atirados na selva de aviões utilizados pelos garimpeiros.

Além disso, os garimpeiros de ouro veiculam numerosas enfermidades, contra as quais os Yanomami não estão imunizados. Privados há um ano dos cuidados médicos que lhes proporcionavam diversos grupos não-governamentais

expulsos da área, entre os quais missionários, as últimas testemunhas indesejadas dessas violências, estão em uma situação sanitária desastrosa.

## **2º Ao Brasil, ainda**

O projeto "Calha Norte" atinge cerca de 88 000 índios que vivem na faixa de fronteira de 6 500 Km, ao longo de 5 países limítrofes, e as terras indígenas localizadas nos estados do Acre, Rondônia, Mato Grosso do Norte e do Sul. Este projeto, que o governo brasileiro apresenta como uma ação de proteção ao território nacional, visa de fato aumentar a presença militar nessa zona, aplicar a política indigenista de integração forçada, assim como implantar polo de colonização interna. Como outros projetos (Jari, Carajás ou Polonoroeste), o "Calha Norte" significa o etnocídio de milhares de índios, pois estes não terão mais territórios delimitados e certos grupos serão deslocados. Por outro lado, não se pode deixar de se interrogar a respeito desta suspeita de anti-patriotismo que pesa sobre os índios: não seria ela, na verdade, senão um pretexto para contestar seus direitos sobre as terras fronteiriças?

 **Voltar**

---

Coordenação Editorial: Alcida Rita Ramos, Bruce Albert, Jô Cardoso de Oliveira

Para informações adicionais favor enviar

e-mail para o escritório central da

Comissão Pró-Yanomami no seguinte

endereço:

[proyanomamidf@proyanomami.org.br](mailto:proyanomamidf@proyanomami.org.br)

Financiador: \_\_\_\_\_

 **Boletins & Comunicados**

Acesse os anteriores ou cadastre-se para receber periodicamente



---

Comissão Pró-Yanomami 2004 - A comissão incentiva a veiculação dos textos desde citadas as fontes.